

Nome: Thalita Rebouças Teixeira

Idade: 48 anos

Profissão: escritora

Cidade onde nasceu: Rio de Janeiro/RJ



Conexão teen

Por Guilherme Dearo

A escritora Thalita Rebouças conquistou o público jovem com sua habilidade para dialogar com as novas gerações. Há 20 anos, as histórias dessa carioca tão apaixonada pela praia quanto pela literatura fazem imenso sucesso nas livrarias, nos cinemas e na TV

Foto: Edu Rodrigues



Com o pai, Willian, o avô José e a avó Maura | foto: arquivo pessoal

A carioca Thalita Rebouças traz nas costas a tatuagem de uma gaivota solitária porque “escrever é assim”. E ela sabe do que está falando. Com mais de 2,3 milhões de livros vendidos – um feito e tanto em um país onde apenas metade (52%) da população cultiva o hábito da leitura e tem como preferências a *Bíblia* e livros com temáticas religiosas –, ela é uma das escritoras mais bem-sucedidas do mercado literário brasileiro. Thalita conquistou o público adolescente com seus 26 livros publicados, vencendo uma disputa acirrada pela atenção dos jovens. Enquanto ela começava a se dedicar ao solitário processo da escrita, seu público descobria um novo mundo proporcionado pela internet. Chats, programas de mensagem instantânea, blogs, Orkut. Isso sem falar no boom da TV a cabo e os irresistíveis videogames. Qualquer pai e mãe de adolescente sabe que a concorrência é dura.

No entanto, ao falar de igual para igual com seus leitores, Thalita conseguiu tirá-los da frente das telas para que mer-

gulhassem em seu universo literário. Ali, eles encontraram personagens que enfrentavam os mesmos problemas com os quais eles lidavam no dia a dia: sofrer pelo primeiro amor, lutar por uma amizade, encarar descobertas sexuais e relacionar-se com pais e professores. A escritora atribui o sucesso de seus livros à sua honestidade e ao fato de escrever o que gostaria de ter lido quando era adolescente. “Eu não julgo, não dou lição de moral. Eles se veem nas histórias”, diz. Mais do que entreter, a escritora estabeleceu uma forte conexão com os jovens. Já recebeu mensagens de leitores dizendo que determinado livro ajudou em um momento de depressão e de jovens contando que procuraram ajuda motivados por uma obra dela. Em pouco mais de duas décadas de carreira, a escritora teve – e tem – um importante papel na formação de jovens leitores no Brasil. “Já perdi a conta de quantas pessoas falaram que começaram a ler mais por minha causa ou que viraram escritores depois de me conhecer.”

Praia, cidade e literatura

Essa carioca da gema, filha única de pai dentista e mãe dona de casa, nasceu em 10 de novembro de 1974. Cresceu no bairro de Copacabana, zona sul do Rio, e da infância que ela define como “alegre e de paz” guarda ótimas lembranças de seu avô Nininho, que a levava e buscava na escola todos os dias. Vem desse tempo a paixão pela cidade e pela praia. “Meu pai e meu avô me levavam para cima e para baixo. Conheci o Rio todo ainda criança. O Rio antigo, a Praça XV, o Paço Imperial, a Cinelândia.” Foi na infância também que nasceu a paixão pela leitura. Os preferidos eram *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, e *O Menino Malquinho*, de Ziraldo. Mais tarde, pegou gosto pelos livros de mistério de Agatha Christie e pelas obras das coleções *Inspetora* e *Vaga-Lume*.

O hábito da leitura arrefeceu durante a adolescência, talvez por ter tido muito contato com leituras obrigatórias no colégio, acredita. Ou porque não encontrava eco de seus dilemas na lite-

ratura, como seu público encontrou em seus livros. Mas, mesmo nesse período, já era uma pessoa “de humanas”. “Só sei contar nos dedos”, brinca. Foi um autor em especial que a fez retornar o amor pela literatura. “*Feliz Ano Velho*, do Marcelo Rubens Paiva, mudou a minha vida. O jeito leve dele, despretenso, mas jamais sendo bobo ou sem profundidade, me inspirou a escrever”, revela.

Os pais também deram um empurrão no interesse pelos livros. “Cresci lendo Fernando Sabino, João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo porque eles recortavam as crônicas que saíam nos jornais e guardavam pra eu ler.” Hoje, José Saramago e Mario Vargas Llosa estão entre suas maiores referências literárias. “E, dos mais atuais, estou adorando a Giovana Madalosso, a Paula Gicovate. E eu amo o Raphael Montes, é um amigo muito querido. Ele é um gênio, os livros dele são incríveis. Resgato o gosto da infância de ler mistérios com ele.”



Com os atores Larissa Manoela e Sérgio Malheiros | foto: arquivo pessoal

Copo meio cheio

Assim como os personagens de seus livros, Thalita foi uma adolescente intensa e cheia de dramas. “Tive momentos de não me sentir amada, de me sentir excluída. Acho que todo adolescente passa por isso”, lembra. E, também como toda garota, teve várias facetas. “Sempre fui leve, otimista, vi o copo meio cheio”. Se hoje é extremamente extrovertida, sempre disposta a interagir com fãs em palestras e sessões de autógrafos, os primeiros anos da adolescência foram marcados pela timidez. “Não fui nada rebelde. Era muito tímida! Isso só mudou quando, aos 14 anos, comecei a fazer aulas de teatro. Fiz até os 19, e isso me transformou. Ali você aprende a criar, a realizar, a ter empatia”, ensina.

O pai queria que Thalita seguisse seus passos na odontologia, enquanto a mãe sonhava em ver a filha advogada. Acabou escolhendo direito. Fez dois anos do curso, na Universidade Candido Mendes, mas se desencantou com a área. Optou pelo jornalismo, agora na Faculdade da Cidade, e desta vez foi até o fim. Trabalhou por alguns anos em redações jornalísticas e assessorias de imprensa. “Passei por muitos lugares legais, como *Lance!*, *O Globo*, *Gazeta Mercantil*. Gostava muito, mas sentia que faltava algo.” Aos 25 anos, veio um clique. “Pensei: ‘Se eu não tentar ser escritora agora, vou virar uma pessoa frustrada lá na frente’. Eu precisava tentar.”

Dividia o tempo entre a vida como jornalista freelancer e aspirante a escritora, afinal precisava pagar as contas. Em 1999, publicou o primeiro livro, *Um Caso de Cariveiro*, escrito a quatro mãos com Carlos Luz, seu marido na época. O livro quase passou despercebido. Quase, porque motivou uma editora

pequena a encomendar a Thalita um livro “bem mulherzinha, no estilo revista *Nova* — foi exatamente esse o briefing que me deram”, explica a autora de *Traição entre Amigas* (2000), que vendeu 4 mil exemplares e lhe trouxe certo reconhecimento no meio editorial. E mostrou que ela estava certa em seguir aquele caminho: “Escrevi de maneira muito intuitiva, foi natural”.

Apesar do impulso inicial, o sucesso na literatura ainda não estava garantido, mas Thalita não esperaria sentada. A divulgação de *Traição entre Amigas* na Bienal do Livro no Rio, por exemplo, quase foi um fiasco. De novo, quase. No estande da editora, ninguém apareceu para assistir à palestra da autora. Inconformada, Thalita vestiu uma peruca rosa, subiu numa cadeira e começou a chamar o público que passava pelo local. “O 6 sempre foi meu número da sorte. Então eu me dei seis anos para fazer dar certo nesse mundo. Se não virasse autora depois de seis anos, pensaria em desistir”, conta.

Traição entre Amigas era voltado para um público mais velho, mas caiu nas graças dos jovens. A escritora percebeu que havia criado uma conexão com essa turma e decidiu investir no universo infantojuvenil. Mantendo a fé no número 6, enviou o original de *Tudo por um Papstar* para seis editoras. Só uma respondeu. O livro, publicado em 2003 pela Rocco, foi um sucesso explosivo entre as garotas e virou best-seller. O primeiro cheque recebido por seu trabalho como coautora de *Um Caso de Cariveiro*, no valor de R\$ 11 mil, ficou no passado. “No meu sexto ano como escritora, comecei a pagar as contas com tranquilidade”, diz.

“Pensei: ‘Se eu não tentar ser escritora agora, vou virar uma pessoa frustrada lá na frente’. Eu precisava tentar”



No *The Voice Kids* | foto: arquivo pessoal



Foto: Edu Rodrigues

Foco e disciplina

O método de Thalita para ser uma escritora tão profícua é... não ter método. “Escrevo em qualquer lugar, com barulho ou em silêncio. Até na área de embarque do aeroporto eu já escrevi. E meu processo criativo não é nada doloroso”, garante. “Sou megaorganizada e já tenho toda a história na cabeça, nem preciso ficar pendurando papéis na parede.” Ela acredita que escritores precisam ter disciplina e foco para escrever todos os dias. “Depois do almoço, lá pelas 2 da tarde, começo a escrever e vou embora. Pode ser até as 8 da noite, pode ser até de madrugada.” Poucas pessoas podem ler o original antes da publicação. Além de sua agente literária, só o marido, Renato Caminha, ganha acesso ao manuscrito que sai do forno. “Aprendi que não adianta mostrar pros amigos porque eles nunca criticam.”

Depois da cena com a peruca rosa na Bienal do Rio, Thalita produziu sucesso atrás de sucesso, como os livros da série *Fala Sério* e títulos como *Uma Fada Veio Me Visitar* (2007) e *Ela Disse, Ele Disse* (2011). Ao longo da carreira, passou de temas leves para assuntos mais sérios, com o cuidado de nunca se desviar de seu público. Falou sobre transtorno alimentar, relações abusivas com os pais, automutilação e suicídio, além de trazer a diversidade às obras, com mais protagonistas gays e fora dos padrões normativos. “Não que eu não me sentisse livre para falar disso antes, porque nunca sofri censura, mas os temas foram ficando mais relevantes. E eu estou em um aprendizado constante. Quero contribuir para esses debates, falar de preconceito, de gordofobia, de autoaceitação. Quero pregar o amor”, fala. Nunca recebeu queixas dos pais

sobre os temas que aborda. Pelo contrário. “Eles acabam entendendo mais os filhos por meio das minhas histórias e até me agradecem depois.” Ela também não reluta em mudar algo em livros já publicados. “Usei ‘pulga epilética’ em um livro para falar de uma personagem, em tom de piada, e uma mãe veio me falar que não tinha gostado porque a filha tinha epilepsia. Eu entendi, claro, e na hora falei com a minha editora para mudar o termo”, conta.

Enquanto passeia por temas do universo teen em suas obras, a escritora também abre sua própria história para mostrar aos leitores que é “igual a eles”. Em sua autobiografia, *Fala Sério, Thalita!*, lançada em 2020 pela editora Pixel, é franca e não se furta a contar detalhes de momentos marcantes da adolescência, como o primeiro beijo, aos 12 anos, e a perda da virgindade, aos 18.

Viva o amor

A autobiografia saiu no ano em que Thalita conheceu o psicólogo Renato Caminha, seu atual marido, durante uma festa na casa de uma amiga. "Começamos a conversar e não destruíamos mais. Foi muito arrebatador. O foco dele na psicologia são crianças e adolescentes. Então, claro, temos muito em comum", conta. O trabalho de pesquisa para escrever os livros *Confissões de um Garoto Talentoso*, *Purpurinado* e *(Intimamente) Discriminado* e *Natali e Sua Vontade Idiota de Agradar Todo Mundo*, lançados este ano, contou com a ajuda do parceiro. "Ambos trazem protagonistas gays, e ele me ajudou muito a falar sobre isso. Eu ia dialogando com ele enquanto escrevia as cenas." Em janeiro de 2022, o casal celebrou a união em uma cerimônia intimista. À época, em sua conta no Instagram, a noiva escreveu "É pra ficar junto por pelo menos uns 40 anos. Pelo menos. Viva o amor". Atualmente, o casal vive em São Conrado. "Ter a chance de encontrar uma paixão dessa na maturidade é muito bacana. As duas pessoas ficam mais confortáveis na própria pele, não tem aquela urgência e ansiedade que atrapalha. Sou muito fã do amor maduro. E

nos conhecemos na hora certa. Se esse encontro tivesse sido antes, não sei se teríamos tamanha conexão", diz.

As perguntas sobre maternidade são inevitáveis. "Eu lido superbem com o fato de não ter tido filhos, quem não lida bem são os outros", diz, sem perder o bom humor. Em entrevista ao jornal *O Globo*, publicada em 2021, ela conta que tomou a decisão de não ter filhos aos 27, 28 anos, e que já sofreu muita pressão e ouviu comentários maldosos. "É um assunto que precisa ser falado. Já refleti abertamente sobre maternidade compulsória nas redes sociais e abordei o assunto no livro *Natali e Sua Vontade Idiota de Agradar Todo Mundo*. Muitas mulheres se tornam mães por pressão, sem questionar essa falsa necessidade. Nunca me bateu essa vontade de ter filhos", conta. Thalita ressalta que os homens não são pressionados sobre paternidade. "Nenhuma mulher pode se sentir culpada por não ter filhos, mas a sociedade quer criar essa culpa. Eu falo isso abertamente com mulheres na faixa dos 30 anos: 'Tudo bem se não quiser filhos, não tem nada de errado com você'."



Com o marido, o psicólogo Renato Caminha | foto: arquivo pessoal



Com Maisa Silva e Eduardo Moscovis | foto: arquivo pessoal

Versatilidade

As histórias criadas por Thalita transbordaram as prateleiras das livrarias e foram parar nas telas da TV e do cinema. Em 2016, o livro *Uma Fada Veio Me Visitar* virou o filme *É Fada*, estrelado por Kéfera Buchmann e Klara Castanho. Nas adaptações de *Fala Sério, Mãe!* e *Ela Disse, Ele Disse*, fez questão de participar da criação do roteiro para "manter a fidelidade ao livro". A experiência como roteirista colaborou para inverter a ordem dos sucessos da escritora: o filme original *Pai em Dobro*, produção da Netflix com os atores Maisa Silva e Eduardo Moscovis no elenco, veio antes do livro. "Gosto de ser parceira dos atores. Ser uma roteirista e autora que está presente em todas as etapas, de escolher locação à parte do figurino. Sou uma autora controladora nesse sentido. E sempre fico amiga do elenco", garante.

Desde 2017, Thalita também atua em frente às câmeras, como apresentadora de bastidores do reality show global

The Voice Kids. Quando não está trabalhando, gosta de ir à praia, dançar pela casa, sair com os amigos e viajar. "Eu amo praia, sou daquelas cariocas que aproveitam a praia da cidade. Se deixar, vou todos os dias", diz. E não abre mão de se cuidar. "Malho todos os dias, faço ioga. Deixo a manhã para cuidar de mim e ficar gostosa." Aos 48 anos, a escritora e roteirista se sente no melhor momento de sua vida. "Depois dos 45 anos, virei a chave em matéria de criatividade, inspiração e beleza. A idade só melhora a gente", diz, mostrando que o etarismo não tem espaço em sua rotina. "Acho que, quando você tem 20 anos, não tem noção do tanto de coisa que ainda não sabe. É muita autocritica, muita autocobrança. Quando você fica mais velha, entende que seu corpo é o que te mantém viva, que você é aquele corpo e ele te mantém pensante, criativo, feliz. Isso é muito bonito", diz, mostrando que tem talento e versatilidade para se conectar com diferentes gerações.

"Eles [os pais] acabam entendendo mais os filhos por meio das minhas histórias e até me agradecem depois"

Que conselho daria à jovem Thalita?

"Fique calma, vai dar tudo certo. Vai ser difícil, mas você vai conseguir. Não desista!"